



GEPOLÍTICA

AULA 5



Prof. Andre Francisco Matsuno Frota



CONVERSA INICIAL

Com o fim da Guerra Fria, o pensamento geopolítico buscou interpretar a Nova Ordem Mundial pós-1989. Contudo, a própria Geopolítica passou a ser vista por algumas correntes de pensamento como menos relevante no novo contexto mundial. Nesta aula, você poderá compreender o debate teórico resultante da Nova Ordem Mundial, e estudará a contribuição de autores como Francis Fukuyama, Samuel Huntington e Thomas Barnett para o referido debate.

TEMA 1 – O PÓS-GUERRA FRIA

A Guerra Fria, evento que teve início em 1945, encerra-se, em termos fatuais, no ano de 1991, com o fim do regime soviético. O término desse evento encerrou um paradigma de relações bilaterais entre EUA e URSS, caracterizado pela disputa geoestratégica, econômica, política e cultural pela hegemonia do espaço geográfico global. As consequências para o sistema internacional como um todo foram sintetizadas pelo aumento do perfil globalista de relações internacionais. O globalismo e a globalização caracterizaram o período de dez anos desde o término formal da Guerra Fria até o dia 11 de setembro de 2001, quando ocorre o atentado às Torres Gêmeas em Nova York. É nesse interregno que a Geopolítica, enquanto disciplina acadêmica, é atingida e questionada por um conjunto de autores que flexibiliza a importância da estratégia do espaço para as relações internacionais.

Desde a formação da disciplina, ao longo do século XIX, a Geopolítica figurava como um campo do conhecimento orientado para tomada de decisões em relação ao perfil de inserção internacional dos Estados. O período citado, os anos 1990, introduziram críticas e, em especial, expectativas para a formação de uma Nova Ordem Mundial. O centro dessa onda argumentativa esteve embasado na formação de um perfil conjuntural de aproximação e cooperação entre EUA e Rússia, que impactou o restante das coalizões internacionais entre Estados antes alinhados seja com os americanos ou com os russos.

Essa breve introdução do contexto internacional dos anos 1990 procurou apresentar o cenário no qual os pensadores, que serão estudados a seguir, dissertaram sobre o sistema e a Geopolítica.



TEMA 2 – FRANCIS FUKUYAMA E O FIM DA HISTÓRIA

Francis Fukuyama, ao escrever *The End of History and The Last Man* (1989), defendeu que a ordem pós-bipolar teria no liberalismo e no capitalismo ocidentais os alicerces para o que denominou *fim da história*. Com base nessa ideia, a perda de influência de modelos como o comunismo, bem como a perda de propósito da Geopolítica diante de instituições e regimes de cunho internacional seriam indícios de que o modelo ocidental de sociedade prevaleceria e acomodaria a nova realidade global (Teixeira Júnior, 2017, p. 169-170).

Essa ideia foi vista como ilusória por Samuel Huntington, cujas contribuições teóricas podem ser compreendidas a seguir.

TEMA 3 – SAMUEL HUNTINGTON E O CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES

Para o geopolítico norte-americano Samuel Huntington, a Nova Ordem Mundial teria como motivação de conflitos e instabilidades aspectos como cultura, etnicidade e identidade. Em *Clash of Civilizations*, Huntington explica que os novos conflitos dessa era pós-Guerra Fria, a exemplo daqueles na ex-Iugoslávia, seriam consequência dos movimentos de afirmação e choque promovidos por civilizações e povos (Teixeira Júnior, 2017, p. 171-172).

Esse momento da História, a depender da configuração das disputas, seria resultante das interações (nem sempre amistosas) entre dez grandes civilizações: Ocidental; Latino-Americana; Islâmica; Islâmica e Hindu; Hindu; Africana; Budista; Sínica; Japonesa; Ortodoxa (Teixeira Júnior, 2017, p. 171-175).

Nesse contexto – cuja lógica de poder, integração e conflito tem por base um contexto multipolar, de múltiplas civilizações e de transição do poder no cenário internacional do Ocidente para povos não ocidentais –, Huntington enxergava não apenas uma ameaça ao poder dos EUA, mas também uma desconstrução da tese de Fukuyama (Teixeira Júnior, 2017, p. 173-175).

TEMA 4 – THOMAS BARNETT E A GEOESTRATÉGIA

Por sua vez, Thomas Barnett teve como foco a globalização e o seu impacto sobre a ocorrência de ameaças ao poder global dos Estados Unidos e ao restante do mundo. Para Barnett, o mundo deve ser dividido em zonas



integradas (centro funcional) e não integradas, ou seja, estas últimas, por seu distanciamento ou pouca relação com o processo de globalização e as consequências deste para a estabilidade das relações internacionais, seriam os principais focos de conflitos e tensões com o centro funcional (Teixeira Júnior, 2017, p. 176-179).

Isso justificou, para Barnett, a invasão do Iraque em 2003, bem como o combate a grupos como a Al-Qaeda, pois considerou esse evento como uma política positiva norte-americana de intervenção na zona não integrada. O autor ainda entendeu que países como o Brasil integram a zona de contato entre o centro funcional e a zona não integrada, podendo servir como passagem para a ação ou para a ameaça de grupos hostis, como grupos terroristas, ao centro funcional, o que estimularia a cooperação dos países da zona de contato com Washington (Teixeira Júnior, 2017, p. 180-181).

TEMA 5 – O DEBATE TEÓRICO DO PÓS-GUERRA FRIA

Como procuramos demonstrar, mediante apresentação dos autores supracitados, o pós-Guerra Fria abriu espaço para um debate interdisciplinar, no qual a importância de aspectos de base da realidade observável, como o tempo e o espaço, passou a ser flexibilizada em relação ao modo como esses aspectos foram interpretados durante a história contemporânea. O fim do tempo – portanto, da História – e a morte do território – por conseguinte, da Geopolítica – criaram o debate no qual o globalismo, como fenômeno, eclipsou ambas dimensões da realidade, bem como a de disciplinas tradicionais.

O debate entre a História, a Geopolítica e a onda de estudos culturais da sociedade internacional foi alimentado pelo fim da Guerra Fria e pelo perfil de comportamento cooperativo entre os EUA e a Rússia. Como você, leitor, pode perceber, a constituição desse debate interdisciplinar representa a forma como a Geopolítica, enquanto uma interpretação da realidade, como ideia e como discurso, foi atingida pela expectativa de formação de uma Nova Ordem Mundial. A próxima aula irá demonstrar como essas críticas foram colocadas à prova após o 11 de setembro de 2001.



NA PRÁTICA

Um conjunto de técnicas e procedimentos para aplicação e estudo da geopolítica deriva da cartografia digital. Como instrumento de análise do espaço, existem recursos na forma de programas – *softwares* – livres e comerciais disponíveis para serem usados pelo interessado. O cotidiano das forças armadas já incorporava esses instrumentos, como as cartas topográficas, as imagens de satélite e as fotografias aéreas, devido à necessidade de se exercer o controle sobre os territórios administrados. Para os estudantes, civis em geral, essas técnicas e esses instrumentos também estão disponíveis. Acompanhe as referências complementares e a videoaula para saber mais!

FINALIZANDO

Procuramos introduzir o leitor ao contexto do pós-Guerra Fria, com o objetivo de demonstrar o surgimento de teses críticas à Geopolítica. Ao contrário das teses de cunho marxista, as teses e os autores explorados representam uma negação da Geopolítica enquanto disciplina. Os autores que proclamaram o fim da História e o fim do território figuram como críticos da Geopolítica, ainda que a crítica seja dirigida ao funcionamento da disciplina e não à forma como esta foi instrumentalizada pelos interesses do capital. Em vias de síntese, a aula anterior demonstrou uma crítica ao uso da Geopolítica e esta aula procurou demonstrar um outro tipo de crítica, notadamente à eficácia explicativa da disciplina.



REFERÊNCIAS

TEIXEIRA JÚNIOR, A. W. M. **Geopolítica**: do pensamento clássico aos conflitos contemporâneos. Curitiba: InterSaberes, 2017.